

tradução implica quase sempre fazer escolhas. Estas escolhas podem ser discutíveis, claro está – mas não há tradutor que lhes possa escapar.

Como é comum dizer-se entre linguistas, as línguas não diferem no que permitem dizer: todas servem para expressar a totalidade da experiência humana, haja talento para isso. Aquilo em que diferem é mesmo no que obrigam a dizer! Há tantos e tantos casos...

Por exemplo, um tradutor russo, perante a palavra «azul», tem de decidir se escreve «azul-escuro» ou «azul-claro» – porque os dois tons têm dois nomes separados.

Já nós, perante o termo «*sueño*» do espanhol, temos de decidir se traduzimos por «sono» ou por «sonho», mesmo num texto em que a ambiguidade do espanhol foi usada propositadamente pelo autor.

E, depois, temos de definir o género de qualquer nome, seja uma árvore ou uma criança. Assim, acabamos por ter de decidir, sempre, qual é o sexo do primeiro-ministro que aparece numa série ou num livro.

Lembro-me doutro caso em que o tradutor tem de escolher o sexo do primeiro-ministro britânico. Num dos livros de Ian McEwan – *The Child in Time* – há uma personagem chamada «*prime-minister*».

O livro foi publicado nos anos 80, mas passava-se num futuro pouco distante (se bem me lembro, no final dos anos 90). O sexo do primeiro-ministro era importante: será que nesse futuro Margaret Thatcher ainda seria a primeira-ministra? De certa maneira, a leitura mais ou menos política da obra dependia desse pormenor – mas Ian McEwan nunca dá a resposta. Já a tradutora portuguesa teve mesmo de fazer a sua escolha...

## Um português legenda, um espanhol dobra e um polaco faz o quê?

Ali em meados dos anos 90, o meu pai trouxe para casa uma daquelas antenas parabólicas que iam invadindo os telhados portugueses.

Nessa longa travessia que era a adolescência, eu queria muito viajar pelo mundo – não sendo possível, a tal antena foi a maneira de trazer o mundo até casa. Comecei a ver canais de todo o planeta, desde emocionantes telenovelas sauditas (não percebia o que diziam, mas sabia perfeitamente o que estava a acontecer: o cafajeste do cunhado andava a trair a irmã do herói da trama – e ainda por cima ficara com as acções da empresa!), passando pelos telejornais vietnamitas (estranhamente, ignoravam as novidades do futebol nacional) e terminando num belo filme da Costa Rica. Cheguei até a passar umas belas tardes a ver séries da televisão catalã, que me intrigava desde que vira a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona (ou, como se dizia no tal canal, *Jocs Olímpics de Barcelona*).

A grande revelação aconteceu, no entanto, no dia em que calhei parar o furioso *zapping* num canal polaco. Estava a dar uma telenovela brasileira – traduzida para polaco, pois então. Só que a tradução, Deus meu, era... Enfim, era peculiar. Nada de legendas... Era uma espécie de dobragem.

Explico: havia uma só voz (masculina) que traduzia as falas das personagens todas! Foi uma descoberta e tanto.

Um dia, quando calhou encontrar um grupo de polacos – por acaso, em Barcelona –, perguntei-lhes: o que era aquilo? Porque não

usavam um actor diferente para dizer as falas de cada personagem? E porque não sincronizavam as vozes com as bocas?

Olharam-me intrigados: por que carga de água haviam de fazer tal coisa?

Na verdade, a tradução audiovisual faz-se de várias maneiras. Os três tipos principais são a *legendagem*, tão nossa conhecida, a *dobragem*, que vemos nos desenhos animados portugueses e detestamos nos filmes e séries para adultos, e o *voice-over*, que encontramos nos documentários.

A legendagem tem limitações e regras mais apertadas do que nos apercebemos no dia-a-dia: dificilmente tudo o que se diz num filme cabe em duas linhas, que têm de ficar no ar o tempo suficiente para serem lidas.

Já a dobragem exige uma coordenação entre texto e imagem que exige bastante trabalho ao tradutor e ao actor.

Quanto ao *voice-over*, não só deixa a voz original por baixo, como implica que a tradução comece um pouco depois da fala original, para que não pareça que a voz *off* está a inventar uma tradução (o nosso cérebro é muito desconfiado).

Como sabemos (basta ligar a televisão num hotel espanhol), a distribuição destas três técnicas de tradução pelo material audiovisual ao dispor dos espectadores varia muito de cultura para cultura. Se Portugal legenda quase tudo, a Espanha adora dobrar. Abundam explicações simplistas, mas as razões são complexas: desde opções políticas a questões económicas relativas ao preço de cada tipo de tradução, os vários países fizeram o seu percurso e acabaram com um tipo de tradução predominante em cada área. A Polónia e uns quantos outros países do Leste desembocaram numa situação em que os espectadores estão habituados a ouvir uma só voz a traduzir o que está a ser dito.

Para nós é estranhíssimo, mas para um polaco o *voice-over* é uma forma perfeitamente natural de traduzir um filme ou uma série na televisão (nos cinemas polacos, é mais habitual ver legendas).

Se pensarmos bem, nós vemos um documentário sem notar que aquele tipo de tradução é bem diferente das dobragens dos desenhos animados. É mesmo uma questão de hábito...

Tendemos a achar que a maneira como as coisas se fazem na nossa terra é a única ou a mais natural. Uma das grandes vantagens de viajar é perceber como estamos errados: a humanidade arranja sempre muitas maneiras de fazer a mesma coisa. Até o próprio acto de viajar varia de cultura para cultura, de terra para terra, de rua para rua, de casa para casa: na minha casa, passeávamos de carro, é certo, mas também havia dias em que viajávamos a bordo de uma antena parabólica...